7º SEMINÁRIO DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (ABRI): “RUMO À MULTIPOLARIDADE? TENSÕES, ALIANÇAS E O LUGAR DO BRASIL NA ORDEM GLOBAL”

Porto Alegre - Rio Grande do Sul, Dia 06 de dezembro (virtualmente) e nos dias 12, 13 e 14 de dezembro de 2024 (presencialmente)

ÁREA TEMÁTICA: Economia Política Internacional

ESTADOS UNIDOS E CHINA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A ASCENSÃO DE GRANDES POTÊNCIAS NO SISTEMA-MUNDO MODERNO

(WORKING PAPER[1])

AUTOR: Gabriel Soares Quevedo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS

2024

[1] Este artigo é classificado como um *working paper*, pois tem a pretensão de apresentar e discutir ideias preliminares sobre. O objetivo é fomentar a troca de feedback e sugestões que possam contribuir para o aprimoramento da pesquisa. Ao ser compartilhado, busca-se estimular o diálogo acadêmico e a colaboração, permitindo que este trabalho sirva de base para investigações futuras e, eventualmente, para publicações revisadas por pares

RESUMO: O presente trabalho intitulado "Estados Unidos E China: Um Estudo Comparativo Sobre A Ascensão De Grandes Potências No Sistema-Mundo Moderno" tem como objeto de análise a transição hegemônica entre o ciclo sistêmico de acumulação britânico e o ciclo americano. O objetivo central é verificar se a possível transição da China para a hegemonia se equipara à ascensão dos Estados Unidos à hegemonia no início do século XX. A pesquisa parte da premissa de que a ascensão e queda das grandes potências é um fenômeno recorrente na história das relações internacionais, com implicações significativas para a estrutura de poder global. Nesse sentido, a obra de Giovanni Arrighi (1996) sobre os ciclos sistêmicos de acumulação (CSAs) fornece um arcabouço teórico relevante para compreender as dinâmicas de longo prazo que regem a formação e declínio das hegemonias mundiais. A pergunta de pesquisa que norteia o estudo é: a possível transição da China para a hegemonia se equipara à ascensão dos Estados Unidos à hegemonia no início do século XX? Para responder a essa questão, a pesquisa adota uma abordagem comparativa, analisando dois momentos históricos de transição hegemônica: a passagem da hegemonia britânica para a americana no início do século XX e o atual contexto de possível declínio da primazia norte-americana diante da ascensão chinesa. O objetivo central é examinar semelhanças e diferenças no poder relativo entre hegemonias em crise (Reino Unido e Estados Unidos) e potências emergentes (Estados Unidos e China) nestes dois períodos, buscando um entendimento da atual conjuntura global, que se entende ser diferente da apresentada no ciclo britânico, uma vez que a China não apresenta o mesmo potencial de ascensão à hegemonia que foi apresentado pelos Estados Unidos no século XIX. Metodologicamente, a pesquisa se vale de indicadores quantitativos referentes às três dimensões materiais de poder hegemônico, que serão entendidos como “condicionante hegemônico”: **capacidades militares**, econômicas e financeiras, sendo a capacidade militar o foco deste trabalho, devido a limitação de páginas. A coleta e tratamento dos dados são fundamentais para a operacionalização do conceito de condicionante hegemônico e para a análise comparada proposta. Os dados são coletados para os dois recortes temporais analisados, permitindo mensurar e comparar o poder relativo entre Reino Unido e Estados Unidos no início do século XX e entre Estados Unidos e China na contemporaneidade. A seleção dos indicadores para as capacidades estudadas leva em consideração a disponibilidade e a confiabilidade das informações para os períodos históricos abordados. Para as capacidades militares, são utilizados dados sobre efetivos militares, gastos com defesa e tecnologia militar. A coleta de dados é realizada a partir de diversas fontes primárias e secundárias confiáveis, como relatórios de organismos internacionais (como a ONU, o FMI e o Banco Mundial), bancos de dados estatísticos oficiais, artigos acadêmicos e obras históricas. Essa abordagem metodológica multifacetada busca obter uma visão abrangente e robusta do poder e condicionamento relativo das hegemonias em crise e potências emergentes nos dois períodos

de transição analisados. Além dos indicadores quantitativos, a pesquisa se fundamenta em uma ampla revisão da literatura teórica sobre hegemonia e ciclos sistêmicos de acumulação. O referencial teórico adotado se baseia principalmente na obra de Giovanni Arrighi (1996) e na abordagem gramsciana de hegemonia, com contribuições relevantes de autores como Robert Cox (2007), Susan Strange (1994) e Paul Kennedy (1989). No que se refere às capacidades militares, a análise comparativa revela algumas diferenças importantes. No início do século XX, quando o Reino Unido enfrentava o declínio de sua hegemonia, os Estados Unidos, embora ainda apresentassem capacidades militares inferiores às britânicas, demonstraram um rápido fortalecimento de suas forças armadas. Os dados coletados mostram que, ao longo das primeiras décadas do século, houve uma significativa convergência entre os efetivos militares, os gastos com defesa e o desenvolvimento tecnológico militar dos EUA em relação ao Reino Unido. Esse processo de expansão e modernização das capacidades militares norte-americanas foi fundamental para que os Estados Unidos pudessem posteriormente se consolidar como a nova potência hegemônica, projetando seu poderio bélico em âmbito global. A ascensão do poderio militar dos EUA acompanhou e reforçou sua ascensão econômica e financeira, constituindo um elemento-chave na transição hegemônica daquele período. Em contraste, o atual contexto de possível declínio da hegemonia estadunidense diante da ascensão chinesa apresenta um quadro um pouco distinto. Apesar do rápido crescimento econômico e tecnológico da China nas últimas décadas, as capacidades militares chinesas ainda não alcançaram o mesmo grau de superioridade em relação aos Estados Unidos que estes conquistaram frente ao Reino Unido no início do século XX. Os dados analisados revelam que, embora a China tenha expandido significativamente seus investimentos em defesa e modernizado seus equipamentos e forças armadas, as capacidades militares estadunidenses ainda se destacam de forma substancial. O Pentágono segue liderando em áreas como gastos militares, efetivos de pessoal, poder de fogo, alcance estratégico e projeção de força no exterior. Além disso, os Estados Unidos mantêm uma vantagem tecnológica considerável, com investimentos expressivos em pesquisa, desenvolvimento e inovação no campo militar. Esse hiato em termos de capacidades bélicas parece representar um obstáculo importante para que a China possa atualmente igualar ou superar a hegemonia militar norte-americana, ao menos nos curto e médio prazos. Portanto, a análise comparativa das dimensões militares sugere que, ao contrário do que ocorreu na transição do século XX, quando os Estados Unidos conseguiram estreitar rapidamente a brecha com o Reino Unido, a China enfrenta maiores dificuldades para alcançar uma paridade ou superioridade militar em relação aos EUA no contexto atual. Esse fator pode se constituir em um importante limitador do potencial de ascensão da China à condição de nova potência hegemônica no sistema internacional. Nesse período, os EUA já se destacavam como a maior economia mundial, com um PIB significativamente superior ao

do Reino Unido. Além disso, os Estados Unidos acumulavam cada vez mais ativos financeiros internacionais, superando gradualmente a posição do Reino Unido como principal credor internacional. Quanto às capacidades militares, embora os Estados Unidos ainda estivessem atrás do Reino Unido em termos de efetivos e gastos militares, observa-se uma rápida convergência entre os dois países nesse aspecto ao longo das primeiras décadas do século XX. Esse fortalecimento das capacidades militares norte-americanas foi fundamental para seu posterior estabelecimento como potência hegemônica no sistema internacional. Esses achados preliminares contribuem para a compreensão da atual conjuntura global e das complexidades envolvidas nos processos de transição de poder entre grandes potências. Contudo, cabe ressaltar que a análise ainda está em andamento, e novos dados e desenvolvimentos futuros poderão trazer novas evidências e insights sobre essa dinâmica em curso. Em suma, ao relacionar os dois momentos cruciais de mudança na estrutura de poder global, o presente estudo almeja elucidar padrões e singularidades históricas que permitam enriquecer e ajudar na interpretação do atual panorama internacional à luz da teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação. Ao revelar semelhanças e contrastes entre esses processos de transição, busca-se refletir sobre a posição da China no sistema interestatal e seu potencial de se consolidar como uma hegemonia.

Palavras-chave: Hegemonia, Ciclos Sistêmicos de Acumulação, Poder

INTRODUÇÃO

O sistema internacional contemporâneo apresenta sinais crescentes de transformação em sua ordem hegemônica. A ascensão da China como potência emergente e os indicadores de declínio relativo dos Estados Unidos têm suscitado debates sobre uma possível transição hegemônica[2] no século XXI. Para compreender este cenário, é fundamental analisar comparativamente processos históricos similares de transição de hegemonias no sistema-mundo moderno.

O arcabouço teórico dos ciclos sistêmicos de acumulação, desenvolvido por Giovanni Arrighi (1996), oferece uma ferramenta analítica valiosa para esta análise. Segundo este modelo, o desenvolvimento histórico do capitalismo mundial pode ser compreendido através de ciclos longos, cada um associado a uma potência hegemônica específica. Estes ciclos são caracterizados por fases de expansão material seguidas por períodos de expansão financeira[3], culminando em crises sistêmicas que podem resultar na substituição do Estado *hegemon*.

Arrighi identifica quatro ciclos sistêmicos principais: o genovês (século XV ao início do XVII), o holandês (fim do século XVI até maior parte do XVIII), o britânico (segunda metade do século XVIII até início do século XX) e o norte-americano (início do século XX até o

---

[2] O conceito de transição hegemônica, abordada nas obras de Giovanni Arrighi (1996, 2001, 2008), constitui-se como um processo sistêmico de deslocamento de poder entre potências, caracterizado pela transferência de liderança econômica, política, militar e financeira. Este processo é impulsionado por crises sistêmicas que emergem das contradições internas do regime de acumulação vigente. A potência hegemônica, ao enfrentar estas contradições, experimenta um processo de financeirização econômica que sinaliza o início de seu declínio. Simultaneamente, uma potência emergente ascende oferecendo um novo regime de acumulação mais eficiente, capaz de resolver temporariamente as contradições sistêmicas. Este processo é fundamentalmente dialético, pois a nova potência não apenas substitui a anterior, mas incorpora e transforma elementos do sistema precedente, reconfigurando a estrutura da economia-mundo capitalista (baseado nas obras de Arrighi: O Longo Século XX (1996), Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial (2001) e Adam Smith em Pequim (2008)).

[3] A expansão financeira, conceituada por Arrighi e Silver (2001), representa uma das fases do ciclo sistêmico de acumulação (D-M-D'). Se durante a expansão material (D-M) o capital monetário mobiliza uma massa crescente de mercadorias e força de trabalho, na fase financeira (M-D') ocorre um deslocamento do capital para a esfera financeira, onde a acumulação passa a se realizar predominantemente através de transações monetárias e especulativas. Este padrão recorrente do capitalismo histórico sinaliza a transição entre diferentes regimes de acumulação no sistema-mundo. (Arrighi; Silver, 2001, tradução nossa).

presente). Este trabalho concentra-se especificamente nos dois últimos ciclos, que se desenvolveram durante a fase madura do capitalismo[4].

O objetivo central desta pesquisa é realizar uma análise comparativa do condicionamento hegemônico entre a potência emergente Americana (no ciclo britânico) e o condicionamento hegemônico chinês (no ciclo americano). Busca-se verificar se o atual processo de ascensão chinesa apresenta paralelos significativos com a emergência dos Estados Unidos como potência hegemônica no início do século XX.

A pergunta que norteia esta investigação é: O condicionamento hegemônico relativo da China atual (enquanto potência emergente) em relação aos EUA (enquanto hegemonia em declínio) é comparável ao condicionamento hegemônico dos EUA (potência emergente no ciclo britânico) em relação ao Reino Unido (hegemonia em declínio no ciclo britânico)?

Para responder a esta questão, o trabalho estrutura-se em três dimensões analíticas fundamentais que irão constituir a variável condicionamento hegemônico: capacidades militares, econômicas e financeiras. Esta abordagem multidimensional permite uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de cada ciclo, do que podemos entender como condicionamento hegemônico e das possíveis trajetórias de transição hegemônica no sistema internacional contemporâneo.

ANÁLISE DAS CAPACIDADES

Esta breve seção, tem como objetivo situar a variável de análise: “condicionamento hegemônico”, e apresentar a análise comparada entre as hegemonias em declínio e potências emergentes, exibindo os dados coletados e discutindo os resultados obtidos para cada capacidade nos dois recortes temporais.

Ao trabalharmos com a ideia de “condicionamento hegemônico”, pretendemos ter em mãos uma variável capaz de unir elementos estruturais que determinam a capacidade de uma potência de possuir (ou não) a condição se tornar a hegemonia no sistema internacional, a partir da combinação de poder material e capacidade de construção de consensos, nas esferas produtiva, comercial, financeira e militar-coercitiva do sistema-mundo, algo baseado nas leituras e desdobramentos das obras de de Arrighi (1996) e Wallerstein (1987).

A compreensão do poder hegemônico no sistema internacional pode ser enriquecida pela metáfora do "centauro", desenvolvida por Maquiavel e posteriormente compartilhada por Gramsci, Cox (2007) e Nye (2011). Esta analogia mitológica ilustra a dualidade fundamental da liderança hegemônica: assim como o centauro combina elementos humanos e animais, a

[4] Conceitualizamos “fase madura do capitalismo” a partir do momento que esta ganha vida e passa interferir diretamente nas crises sinalizadoras e terminais dos ciclos sistêmicos de acumulação, culminando nas transições de um ciclo para outro (Danilevicz Pereira & Sardo, 2022)

hegemonia resulta da fusão entre consentimento (elemento humano) e coerção (elemento animal), como destaca Cox (2007, p. 105).

Esta dualidade se manifesta de forma particularmente evidente nos dois últimos ciclos sistêmicos identificados por Arrighi (1996), objeto central deste artigo. A análise destes ciclos revela a existência de três pilares fundamentais que condicionam a ascensão de um Estado à posição hegemônica no Sistema Internacional, compreensão que pode ser aprofundada através do diálogo com diferentes concepções de poder nas Relações Internacionais.

A tradição realista, representada por Morgenthau (1997), enfatiza as capacidades materiais como base do poder estatal - geografia, recursos naturais, capacidade industrial e poderio militar. Waltz (1979), em sua análise neorrealista, acrescenta a importância da distribuição dessas capacidades na estrutura sistêmica. Keohane e Nye (1989) expandem esta compreensão ao incorporar as interdependências assimétricas como fonte de poder, destacando a relevância das redes econômicas, financeiras e institucionais.

A síntese destas perspectivas teóricas permite reposicionar estes elementos não apenas como fontes diretas de poder, mas como condicionantes estruturais que determinam as possibilidades de exercício hegemônico. Esta reinterpretação, que combina aspectos coercitivos e consensuais da metáfora do centauro com as diferentes dimensões do poder internacional, fundamenta nossa análise dos processos de transição hegemônica no sistema-mundo.

Para operacionalizar esta análise comparativa dos períodos de transição entre ciclos sistêmicos, o trabalho estrutura-se em três pilares fundamentais de condicionamento hegemônico: i) Capacidades Militares; ii) Capacidades Econômicas; iii) Capacidades Financeiras.

Esta abordagem tripartite supera as limitações de análises unidimensionais baseadas em dados brutos isolados. Cada capacidade será mensurada através de uma média ponderada de 3 a 5 indicadores específicos, permitindo uma avaliação mais precisa dos elementos estruturais que condicionam a posição hegemônica em diferentes períodos históricos, conforme apresentado na tabela a seguir:

TABELA 1 – Indicadores Das Capacidades

CAPACIDADES	T1	T2
MILITARES	GASTOS MILITARES; EFETIVO MILITAR; NÚMERO DE ENCOURAÇADOS	GASTOS MILITARES; EFETIVO MILITAR; NÚMERO DE OGIVAS NUCLEARES

Fonte: Elaboração do autor.

Devido à grande distância temporal, entre os dois Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA's) analisados, adaptou-se a escolha dos indicadores constituintes das capacidades, principalmente para permitir a equivalência entre os dados. Por exemplo, o "Número de Encouraçados" em T1 representa um valor similar ao das "Ogivas Nucleares" em T2. Essa adaptação ocorreu também no número de dados coletados, já que a oferta de dados referentes a T1 (século XIX) é escassa e de difícil acesso, comparada à pesquisa de dados de T2 (contemporaneidade). Dessa forma, os índices escolhidos para compor as capacidades tiveram T1 como referência.

Para mensurar as capacidades entre os agentes e comparar T1 e T2, será utilizado o método desenvolvido por Corrêa (2023) o adaptando-o para este trabalho. O procedimento envolve: 1º) calcular os indicadores relativos dos países para todos os indicadores dentro das capacidades; 2º) somar os resultados relativos dos indicadores por capacidade; 3º) somar a média ponderada entre as capacidades, formando o índice de condicionamento hegemônico; 4º) comparar a diferença entre o resultado do índice de condicionamento hegemônico de T1 em relação a T2.

FÓRMULA 1 – Indicador relativo em relação ao total entre os dois Países

$$INDICADOR(x, y, z) = \frac{Dado\ (País\ A\ ou\ B)}{Dado\ (País\ A) + Dado\ (País\ B)}$$

FÓRMULA 2 – Capacidade Militar Relativa

$$CAPACIDADE(militar) = \frac{Indicador\ (X) +\ Indicador\ (Y) +\ Indicador\ (Z)}{Número\ de\ indicadores\ analisados}$$

FÓRMULA 3 – Condicionamento Hegemônico do País X[5]

$$Condicionamento\ Hegemônico\ (x) = \frac{Capacidade\ (x)}{33{,}3\%} + \frac{Capacidade\ (y)}{33{,}3\%} + \frac{Capacidade\ (z)}{33{,}3\%}$$

Para avaliar a assimetria no condicionamento hegemônico das potências em em ascensão, em T1 e T2, estabelecemos como períodos-chave de análise os momentos finais do caos sistêmico de cada Ciclo Sistêmico de Acumulação. Em T1, analisamos os condicionantes estruturais no período entre 1897 e 1915, conforme disponibilidade dos dados, correspondente à transição da hegemonia britânica. Para T2, examinamos os condicionantes

[5] O cálculo final será desenvolvido em uma etapa posterior deste artigo, quando serão incluídas as demais capacidades de análise, atualmente ausentes devido à limitação de espaço.

no período de 2008-2023, de acordo com a disponibilidade de dados, que marca a “possível” transição da hegemonia americana.

A escolha destes recortes temporais permite identificar como os condicionantes hegemônicos se manifestam e se transformam durante períodos críticos de reorganização sistêmica, oferecendo bases comparativas para compreender as dinâmicas de transição hegemônica em diferentes contextos históricos.

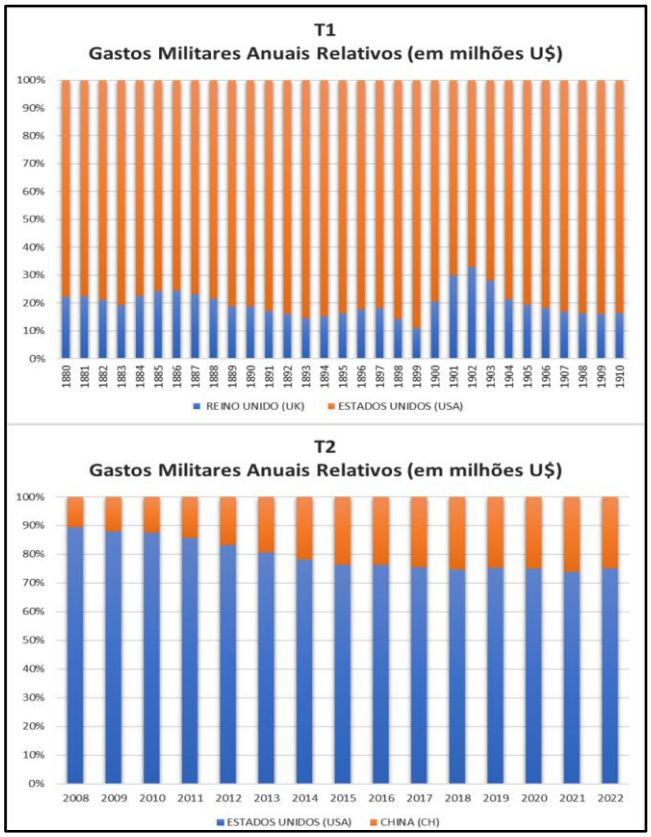
CAPACIDADE MILITAR

A análise das capacidades militares como condicionante hegemônico requer uma compreensão que transcenda a visão tradicional realista, que tradicionalmente estabelece o poder militar como elemento preponderante nas relações internacionais, chegando a subordinar a ele até mesmo as capacidades econômicas (SARFATI, 2005). Esta perspectiva, se aplicada isoladamente à análise das transições hegemônicas nos ciclos estudados, sugeriria que a superação de uma hegemonia em declínio dependeria primordialmente da supremacia militar do Estado emergente.

Entretanto, retomando a metáfora do centauro, as capacidades militares devem ser entendidas como parte de um conjunto mais amplo de condicionantes estruturais. Como argumenta Nye (2011), o poder militar, embora fundamental, não pode ser analisado isoladamente. O Ciclo Sistêmico de Acumulação (CSA) britânico ilustra esta complexidade: apesar da superioridade naval britânica e do maior número de encouraçados alemães em comparação à frota americana (KENNEDY, 1983), os Estados Unidos conseguiram ascender à posição hegemônica. Kennedy (1989) esclarece este aparente paradoxo ao demonstrar que a capacidade militar americana era sustentada por uma robusta base industrial, conferindo-lhe um potencial de expansão superior aos demais atores do Sistema Internacional.

Esta mesma lógica de interdependência entre capacidades se aplica à análise do ciclo americano. Os indicadores militares, por mais significativos que sejam, revelam seu verdadeiro significado apenas quando analisados em conjunto com as demais capacidades estruturais - econômicas e financeiras. Para demonstrar empiricamente estas relações, procederemos à análise comparativa dos dados militares em ambos os ciclos, evidenciando como as capacidades militares se articulam com os demais condicionantes hegemônicos.

GRÁFICO 2 - Gastos Militares Relativos (em defesa)



Fonte: SIPRI [2023]; Statista [2023]; Usgovernmentspending [2023], elaboração do autor.

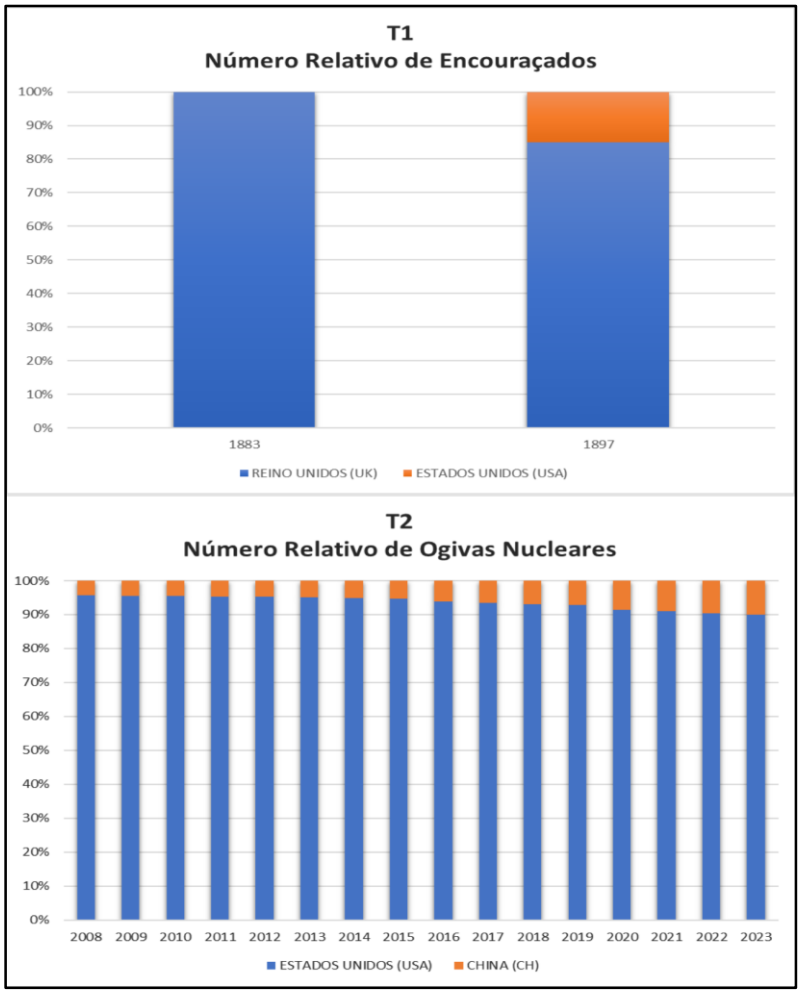
Ao analisar os gráficos conseguimos verificar uma diferença notável entre os investimentos ao comparar as duas potências emergentes. Durante o ciclo inglês os investimentos militares dos Estados Unidos, eram muito superiores em relação aos ingleses. Mesmo com um aumento da frota de encouraçados durante os primeiros anos do século 19, a distância entre os investimentos americanos frente aos ingleses ainda era vertiginosa. Um padrão que não se repete, em T2, onde os EUA já como hegemonia em declínio, lidera o quesito, enquanto a China vem diminuindo essa diferença. Sendo os gastos em defesa em 2022 (U$ 291.958,43 milhões) representam quatro vezes o valor que o Estado investiu em 2008 (U$ 78.840,80).

Em ambos os CSA, não é possível ter detalhes de que forma os Estados Unidos, tanto como hegemonia em declínio quanto potência emergente, destinou/destina esses gastos. Se os mesmos são focados em inovações tecnológicas para a defesa do Estado, para o pagamento das suas forças armadas ou fortalecimento da sua aliança via OTAN. O fato é que o Estado americano segue liderando tal quesito em ambos os ciclos, e já demonstra ser essa uma peculiaridade do país, uma vez que os chineses não conseguem replicar o mesmo feito, embora estejam diminuindo a diferença.

Como citado anteriormente, é difícil saber o destino final dos gastos dos países, para Rasler e Thompson (2000) seria possível identificar uma potência global ao analisar o investimento dela no desenvolvimento das suas capacidades militares com aptidão em projetar e proteger seu comércio e transações fora de suas fronteiras, desenvolvendo assim a noção que essa garantia, no passado se daria por meio do poderio naval das potências. Hoje, na contemporaneidade, com o advento de novas tecnologias bélicas, os poderes aéreos e nucleares se somaram como componentes centrais de projeção de força em âmbito mundial. Nesse sentido, os estoques de armamentos cruciais como encouraçados e ogivas nucleares constituem indicadores razoáveis das capacidades relativas de dissuasão militar entre as nações em cada período histórico. Ao mapear a evolução desses arsenais ao longo do tempo, é possível delinear as trajetórias de poder entre potências em ascensão e queda.

Desta forma, ainda que sejam arsenais de natureza diferente, tanto os encouraçados, indicador analisado em T1, quanto as ogivas nucleares, indicador analisado em T2, desempenham um papel central dentro do conjunto de capacidades materiais de cada potência em sua época. Ambos eram/são armamentos de ponta que garantiam ou ainda garantem, proeminência militar e dissuasão frente a adversários. Dessa forma, a comparação entre esses dois indicadores permite avaliar, em termos relativos, a evolução do poder bélico dos competidores em cada ciclo. Naturalmente, essa equivalência não é perfeita, mas fornece uma métrica razoável para examinar trajetórias semelhantes entre períodos históricos distintos.

GRÁFICO 4 - Número Relativo de Encouraçados/Ogivas Nucleares



Fonte: FAS (2023); Kennedy (1983), elaboração do autor.

Assim, é possível notar uma semelhança nos dois ciclos, com uma supremacia por parte das duas potências em declínio na questão dos principais armamentos de domínio bélico em cada ciclo. Em T1, mesmo que no início do século XX os americanos tivessem mostrado um aumento considerável no número de encouraçados, estes ainda correspondiam a pouco mais de 10% do poderio inglês. Isso pode ser explicado de várias formas, como pelo seu interesse em garantir sua presença militar no maior número possível de regiões, a fim de assegurar seus domínios coloniais. Isso, por si só, colocava o Estado na vanguarda em relação ao número de encouraçados.

Os números referentes aos encouraçados foram retirados da obra de Kennedy "*The Rise and Fall of British Naval Maestry*" de 1983. Como o autor faz um recorte de 1883 a 1897, o gráfico não mostra explicitamente, mas sabe-se que houve um aumento ainda maior no número de encouraçados americanos, especialmente com a aproximação da Primeira Guerra Mundial. Isso explicaria um pico nos investimentos em defesa nos anos posteriores a 1897, como mostrado no Gráfico 1, sobre os gastos militares brutos.

Em T2 há uma notável similaridade com o ciclo anterior, em que a vanguarda ainda é predominantemente de posse da hegemonia em declínio. Ainda que o número exato de ogivas seja desconhecido devido ao forte sigilo sobre o armamento, é de conhecimento amplo que os americanos foram os primeiros a desenvolvê-las, ainda em 1945, nos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. Essa antecedência no desenvolvimento, por si só, já explicaria a diferença de produção entre os Agentes.

Em T2, diferentemente de T1 onde o número de encouraçados aumentou com o tempo, em T2 os estoques de ogivas nucleares diminuíram, conforme dados disponíveis. Isso tem uma razão clara: o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) de 1970. Essa diminuição foi contínua, a ponto de poder ser percebida no recorte temporal de T2. Ainda assim, os arsenais chineses continuaram a representar pouco mais de 10% do potencial americano. Dessa forma, é possível inferir uma similaridade entre ambos os CSAs

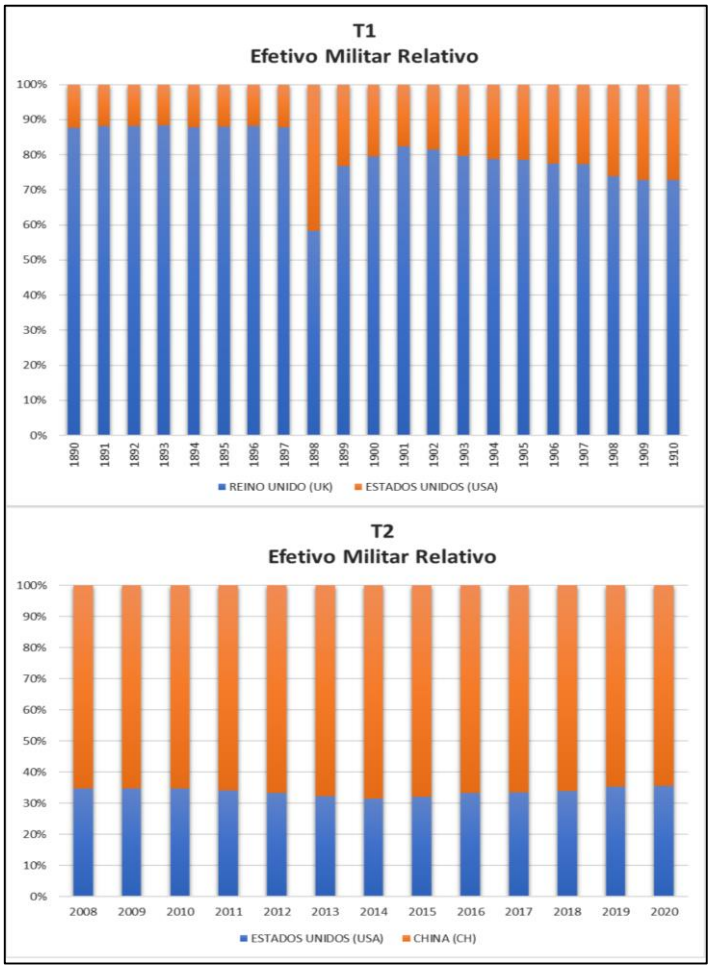
O próximo indicador a ser analisado, compõe, juntamente com os já citados, um recurso material de significativa relevância para a capacidade militar de uma potência: o seu efetivo militar. O efetivo militar refere-se à população que constitui as forças armadas de um país, incluindo pessoal em serviço ativo nas forças paramilitares e soldados em treinamento, bem como responsáveis pela organização e pelo equipamento. Também abrange o pessoal em serviço inativo, referente à porcentagem da população que poderá vir a apoiar ou substituir as forças militares regulares em caso de necessidade[6].

Analisando o efetivo militar dos quatros atores nos dois ciclos, é possível ter uma noção da disponibilidade de forças para eventuais conflitos, de forma que seja possível mensurar a contingência de Estados Unidos e China, enquanto Estados Emergentes.

---

[6] BANCO MUNDIAL. Metadata Glossary. The World Bank. [2023]. Disponível em: < https://databank.worldbank.org/metadataglossary/world-development-indicators/series/MS.MIL.TOTL.P1#:~:text=Armed%20forces%20personnel%20are%20active,Strategic%20Studies%2C%20The%20Military%20Balance.>. Acesso em: 20 NOV. 2023.

GRÁFICO 6 - Efetivo Militar Relativo



Fonte: COW (2023); BANCO MUNDIAL (2023), elaboração do autor

A dinâmica das capacidades militares nos dois ciclos hegemônicos revela um padrão significativo. A hegemonia britânica, fundamentada fortemente no elemento coercitivo - especialmente naval - exigia a manutenção de um expressivo contingente militar, explicando sua superioridade numérica em relação aos EUA durante o primeiro período de transição (T1). Contudo, enquanto o Reino Unido enfrentava crescentes dificuldades para sustentar este aparato militar, os Estados Unidos expandiam gradualmente suas capacidades militares, respaldados por sua robusta base industrial. Esta dinâmica ilustra como a predominância militar isolada pode se tornar insustentável quando não adequadamente apoiada pelas demais capacidades estruturais.

Porém, esse crescimento do efetivo militar americano não foi suficiente para que, em T2, já como potência hegemônica em declínio, os EUA tivessem um efetivo superior ao de seu desafiante. A China possui hoje o maior contingente militar mundial, proporcionado por sua alta demografia de aproximadamente 1,4 bilhões de pessoas, que se encontra apenas atrás da índia nesse quesito, enquanto os EUA possuem cerca de 330 milhões. Isso, por si

só, já explica a relativa superioridade chinesa em relação aos EUA nesse quesito. A partir das análises dos dados, é possível notar que a potência emergente China tem posição mais preponderante em T2 do que tinha os EUA em T1, quando emergiram como potência desafiante.

A Tabela 2, foi desenvolvida de maneira que seja possível analisarmos em T1 e T2, a diferença relativa entre as potência e declínio e as potências emergentes associadas nos indicadores de capacidade militar. É possível notar que em ambos os ciclos, o Estado emergente obteve superioridade em apenas um dos três indicadores analisados.

TABELA 2 – Capacidade Militar Relativa

CAPACIDADE MILITAR				
INDICADORES	**T1**		**T2**	
	RU	**EUA**	**EUA**	**CH**
Gastos Militares Anuais	16.49%	83,51%	75.02%	24.98%
Número de Encouraçados/Ogivas	84.93%	15.07%	90.48%	9.52%
Efetivo Militar	72.79%	27.21%	35.94%	64.51%
CAPACIDADE MILITAR RELATIVA	**58,07%**	**41,93%**	**67,14%**	**32,86%**

Fonte: Elaboração do autor

Aplicando a Fórmula 2, foi possível chegarmos na Capacidade Militar Relativa da Hegemonia em Declínio (números em azuis) e o seu desafiante, Estado emergente (números em Laranja). A análise dos dados revela que em nenhum dos ciclos o Estado emergente alcançou uma posição de superioridade absoluta em relação à hegemonia vigente. Entretanto, os condicionantes militares apresentam padrões distintivos em cada período de transição. No primeiro ciclo (T1), os Estados Unidos, enquanto Estado emergente associado, desenvolveram condicionantes militares que se aproximavam significativamente dos britânicos, com uma diferença inferior a 20% nas capacidades bélicas. Em contraste, no ciclo atual (T2), a China apresenta uma assimetria mais acentuada em relação aos Estados Unidos, com seus condicionantes militares registrando uma defasagem de aproximadamente 32%.

Esta disparidade nos padrões de transição sugere que os condicionantes militares do período T1 favoreciam mais intensamente a possibilidade de alternância hegemônica do que no período T2. Enquanto os Estados Unidos conseguiram estabelecer capacidades militares próximas às britânicas, a China ainda mantém uma distância considerável em relação aos condicionantes militares americanos. Esta análise nos leva a examinar se padrão semelhante se manifesta nos condicionantes econômicos do sistema.

CONCLUSÃO

A análise comparativa realizada entre os dois momentos de transição hegemônica - do Reino Unido para os Estados Unidos no início do século XX e o atual contexto de possível transição dos Estados Unidos para a China - revelou diferenças significativas nos condicionantes hegemônicos das potências emergentes em cada período.

No que tange às capacidades militares, objeto central deste estudo, os dados demonstram que os Estados Unidos, enquanto potência emergente no início do século XX, apresentavam uma trajetória mais robusta de convergência com o Reino Unido do que a China apresenta atualmente em relação aos Estados Unidos. O gap militar entre China e Estados Unidos permanece substancial, especialmente em áreas críticas como projeção de força global, capacidade tecnológica e gastos militares totais.

Esta assimetria nas capacidades militares sugere que a China enfrenta desafios estruturais mais significativos para alcançar uma posição hegemônica comparável à que os Estados Unidos conquistaram no início do século XX. Enquanto os EUA conseguiram rapidamente equiparar e posteriormente superar as capacidades militares britânicas, a China ainda encontra obstáculos consideráveis para alcançar paridade militar com os Estados Unidos.

Os resultados obtidos através da análise quantitativa dos indicadores selecionados e do cálculo do condicionamento hegemônico relativo corroboram a hipótese inicial de que o potencial de ascensão chinesa à hegemonia sistêmica difere substancialmente do processo experimentado pelos Estados Unidos no ciclo britânico. Esta conclusão tem implicações importantes para a compreensão da atual dinâmica de poder global e sugere que, ao menos no médio prazo, é improvável uma transição hegemônica nos moldes daquela ocorrida no início do século XX.

O estudo contribui para o debate acadêmico sobre transições hegemônicas ao propor uma metodologia sistemática de análise comparativa baseada em indicadores quantificáveis. Ao mesmo tempo, reconhece-se que pesquisas futuras poderão expandir esta análise incorporando outros indicadores e dimensões do poder internacional, bem como atualizando os dados à medida que novas informações se tornem disponíveis.

Por fim, destaca-se que a compreensão das diferenças entre os dois processos de transição hegemônica analisados é fundamental para avaliar as possibilidades e limites da atual ascensão chinesa no sistema internacional. O estudo sugere que, embora a China apresente crescente protagonismo global, sua trajetória de ascensão apresenta características distintas e desafios mais complexos do que aqueles enfrentados pelos Estados Unidos em sua ascensão à hegemonia no início do século XX.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2001

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Editora Unesp, 1996a.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. Tradução de Vera Ribeiro

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos doséculo XXI.** São Paulo: Boitempo, 2008

BANCO MUNDIAL. Foreign direct investment, net outflows (BoP, current US$) - China, United States. **The World Bank. [**2022]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/BM.KLT.DINV.CD.WD/CN-US>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BANCO MUNDIAL. Armed forces personnel, total - China, United States. **The World Bank.** [2023]. Disponível em: **<**https://data.worldbank.org/MS.MIL.TOTL.P1/CN-US>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BANCO MUNDIAL. Imports of goods and services (current US$) - China, United States, World. **The World Bank. (**2023). Disponível em: <https://data.worldbank.org/NE.IMP.GNFS.CD/CN-US>. Acesso em: 14 nov. 2023. BANCO MUNDIAL. Exports of goods and services (current US$) - China, United States, World. **The World Bank**. (2022). Disponível em: <https://data.worldbank.org/NE.EXP.GNFS.CD/CN-US>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BANCO MUNDIAL. GDP per capita, PPP (current international $) - United States, China. **The World Bank. (**2022). Disponível em: <https://data.worldbank.org/NY.GDP.PCAP.PP.CD/US-CN>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BANCO MUNDIAL. GDP (current US$) - United States, China, World. **The World Bank.** (2022). Disponível em: **<**https://data.worldbank.org/NY.GDP.MKTP.CD/US-CN>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BELLUZO, Luiz G. M. O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados “globalizados”. **Economia e Sociedade,** v. 4, n. 1, 2016.

BIS. D11.3 by currency, 1989-2019. **Bank for International Settlements (BIS), 2022.** Disponível em: https://www.bis.org/statistics/rpfx19.htm. Acesso em: 14 nov. 2023.

CHASE-DUNN, Christopher K. **Global formation:** structures of the world-economy. Cambridge, Massachusetts: Library of the Congress. 1989.

COW. National Material Capabilities (v6.0) – **Correlates of War**. Disponível em: <https://correlatesofwar.org/data-sets/national-material-capabilities/>.

CORRÊA, Gabriela Tamiris Rosa et al. **Da crise dos subprimes à pandemia de Covid-19**: China e Estados Unidos nas novas dinâmicas globais de poder. 2023.

COX, Robert W.; SINCLAIR, Timothy. **Approaches to world order**. Cambridge: Cambridge University Pres, 1996.

COX, Robert. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In. GILL, Stephen. (org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo

COX, Robert W. Forças sociais, Estados e ordens mundiais: além da teoria de Relações Internacionais. **OIKOS,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 10-37, 2021. Tradução de Caio Contijo

DANILEVICZ PEREIRA, A.; SARDO, IE Os Ciclos Sistêmicos De Acumulação Na Obra De Giovanni Arrighi: A Crise De 2008, O Fim Da Hegemonia Dos EUA e o Papel Da China. **Austral: Revista Brasileira De Estratégia E Relações Internacionais**. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/125358. Acesso em: 23 jun. 2023

DUNNING, John. **American investment in British manufacturing industry**. Routledge, 2006.

EAGLE, James; ALI, Aran. Here's How Reserve Currencies Have Evolved Over 120 Years. **Visual Capitalist**, 2021. Disponível em: https://www.visualcapitalist.com/cp/how-reserve-currencies-evolved-over-120-years/. Acesso em: 14 nov. 2023.

EHA. International Currencies 1890-1910**. Economic History Association**. Disponível em: <https://eh.net/database/international-currencies-1890-1910/>. Acesso em: 14 nov. 2023

EICHENGREEN, Barry. **Privilégio exorbitante: a ascensão e a queda do dólar e o futuro do sistema monetário internacional**. Elsevier Brasil, 2011.

ENERDATA. Total energy consumption. **Yerbook EnerData,** 2022. Disponível em: https://yearbook.enerdata.net/total-energy/world-consumption-statistics.html. Acesso em: 15 nov. 2023.

FAS. Status of World Nuclear Forces. **Federation of American Scientists**. 2022. Disponível em: <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FEDERICO, G.; ANTONIO TENA JUNGUITO. **Federico-Tena World Trade Historical Database** : United Kingdom. 2018.

FEDERICO, G.; ANTONIO TENA JUNGUITO. **Federico-Tena World Trade Historical Database : United States** 2018.

FIORI, José L. **O poder global e a nova geopolítica das nações.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FISHLOW, Albert. Lessons from the past: capital markets during the 19th century and the interwar period. **International organization**, v. 39, n. 3, p. 383-439, 1985.

FLANDREAU, M; C. Jobst. 'The ties that divide: a network analysis of the international monetary system 1890–1910', **Journal of Economic History**, vol. 65(4), 2005.

GILPIN, R. The Political Economy of International Relations. [s.l.] Princeton University Press, 1987.

GRAMSCI, A**. Cadernos do Cárcere** – Volume 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MORGENTHAU, H. J**. Politics Among Nations: The struggle for Power and Peace**. New York: A.A. Knopf, 1948.

HENLDER, Bruno. **Ônus e bônus da Guerra ao Terror:** Custos para os EUA e ganhos relativos da China em tempos de mudança no sistema-mundo moderno. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2012.

KENNEDY, P. **The Rise and Fall of British Naval Maestry**. Glasgow: Fontana Press, 1983.

KENNEDY, P. **Ascensão e Queda das Grandes Potências:** Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000. Rio de Janeira: Campus, 1989.

KEOHANE, R.; NYE, J. **Power and Interdependence**. Harper Collins Publishers, 1989.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martin Fontes, 2008. Tradução de Maria Goldwasser.

MDP.Maddison Project Database. 2020. Disponível em: <https://www.rug.nl/ggdc/historicaldevelopment/maddison/releases/maddison-project-database-2020?lang=en> Acesso em: 14 nov. 2023.

NYE, J. **The Future of Power**. PublicAffairs, 2011.

RASLER, K.; THOMPSON, W. T. Global War and Political Economy of Structural Change. In: MIDLARSKY, M. I. **Handbook of War Studies II**. Ann Arbor: University of Michigan, 2000.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais.** São Paulo: Editora Saraiva, 2005

STATISTA. **Statista Military expenditure of the UK 1688-1968**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1049865/british-military-expenditure-historical>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SIPRI. SIPRI Military Expenditure Database. **Stockholm International Peace Research Institute.** (2023). Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. Acesso em: 14 nov. 2023.

US GOVERMENT SPENDING. **Government Spending Chart: United States 1800-1910 - Federal State.** Disponível em: <https://www.usgovernmentspending.com/spending_chart_1800_1910USm_25s2li011lcny_30f>. Acesso em: 14 nov. 2023.

WALTZ, K. N. **Theory of International Politics**. New York: McGraw-Hill, 1979.